

quantos
mundos
existem no
vermelho?



O que mudaria se essa obra fosse de outra **cor**?



Rubens Gerchman, *Lute*, 1967. Madeira e fórmica. 170 x 560 x 70 cm.

Há quem diga que o vermelho é a cor mais ambígua que existe, por evocar significados contraditórios, paradoxais, contrastantes. Por um lado, é a cor da paixão, da sedução, do amor, do erotismo. Por outro, a cor do perigo, da aventura, da agressividade, da revolução. Talvez sua força esteja associada ao fato de ser a cor do sangue, da vida, da energia vital. E, ao mesmo tempo, a cor usada para representar o fogo, cujo controle foi fundamental na evolução do domínio do homem sobre a natureza. Também há uma razão fisiológica: o vermelho está no limite da percepção de nossos olhos, beirando o infravermelho, o que o torna naturalmente agressivo à visão.

Poucas cores chamam tanto a atenção quanto o vermelho. Não é à toa que os sinais de “pare”, as luzes de freio, os semáforos e os equipamentos de incêndio são dessa cor. De alta visibilidade, enérgico e atraente, diz-se que o vermelho estimula a vitalidade e aumenta a pressão sanguínea, os batimentos cardíacos e a frequência respiratória, podendo até mesmo estimular o apetite. Talvez por isso – e por sua associação às ideias de força e poder – seja tão empregado pela publicidade em logotipos e anúncios de carros e alimentos, como Coca-Cola, Ferrari, McDonald's, Fiat, Mitsubishi, entre outras. Beleza, erotismo e glamour também são frequentemente associados à cor. Daí o emprego da tonalidade em produtos de luxo, moda e beleza.

O vermelho é a cor da revolução. Foi com ele que foram coloridas as bandeiras da Comuna de Paris, em 1871, quando operários franceses tomaram o poder no país. A cor, associada ao fogo, ao sangue, à fúria, à bravura e à contestação, é empregada por revolucionários e esquerdistas de todo o mundo. →

cheiro densidade força
impacto intensidade
personalidade peso
sabor som temperamento
temperatura volume

→ O vermelho também foi a cor da Revolução Francesa, de 1789, que pôs fim ao absolutismo na França, derrubando a monarquia e instaurando a república no país por meio de revoltas populares lideradas pela burguesia, por camponeses e por trabalhadores. Influenciado pelos ideais iluministas, o movimento inspirou insurreições nos mais variados cantos do planeta. O vermelho também é a cor da Revolução Russa, de 1917, que desbancou o tsarismo, levou o Partido Comunista ao poder e culminou com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922, representada pela cor vermelha.

Na China, a cor também marcou a Revolução de 1949, que, sob o comando de Mao Tsé-tung, implementou o regime comunista no país. Expressões como Exército Vermelho, Guarda Vermelha e Livro Vermelho fazem parte dessa história. →

→ Pois até hoje o tom rubro é identificado com movimentos de denúncia, manifestações populares e partidos de esquerda. No Brasil, as mobilizações ligadas a questões da terra, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), levam a cor vermelha em suas bandeiras.

A cor também está presente em uma série de trabalhos vinculados à resistência à **ditadura militar** no Brasil. É o caso das obras *Repressão outra vez – eis o saldo* (c. 1968), de Antonio Manuel, e *Lute* (1967), de Rubens Gerchman.

Na primeira obra, imagens de protestos e da repressão são alternadas a palavras chamando a atenção para a violência produzida pelo momento político no país. A tensão presente nas imagens é reforçada pela combinação de cores que compõem o trabalho: preto e vermelho. Em um dos painéis, que nos remetem a uma página de jornal tingida de rubro, se lê “eis o saldo: garoto morto, morreu um estudante”.

Já o segundo trabalho é uma espécie de totem ou monumento urbano no qual a palavra de ordem “lute” convida o público à reflexão: Lutar como? Por quem? Pelo quê? E o chama à ação. O tom é imperativo, a convocação é clara, a materialidade é manifesta e a cor conclama por sua intensidade. A obra apresenta uma relação com a **poesia concreta**, evidenciando a mescla de linguagens que caracteriza a produção do período, ao mesmo tempo que também se refere aos movimentos de resistência à ditadura militar, manifestando uma vontade de intervenção social.

Chega a ser difícil imaginar essas obras com outras cores quando pensamos nos significados de força, violência, protesto e revolução. Que cor nos fala mais de luta que o vermelho? A cor também pode ser uma forma de linguagem? ■

Antonio Manuel, *Repressão outra vez – eis o saldo*, c. 1968. Serigrafia sobre aglomerado (eucatex), tecido e corda. 122 x 80 cm cada (5 partes).



Quantos vermelhos você vê?

Willys de Castro, *Ascensão*, 1959. Óleo sobre tela. 71,5 x 71,5 cm.



Quantos vermelhos
você sente?

Quando você pensa na cor vermelha, pensa em quê? Em uma fruta? Um objeto? Uma sensação?

Imagine um sabor para o vermelho. Seria doce ou salgado? Ácido, amargo, estranho, agradável? Agora, imagine um som que corresponda ao vermelho. Como seria? Grave ou agudo? Qual o timbre? Qual o volume? E se o vermelho fosse uma nota musical, qual seria? E um instrumento? Se pudéssemos sentir o cheiro do vermelho, como seria? Forte ou fraco? Perfumado, azedo, adocicado? Tente imaginar algo que tenha aroma de vermelho. Outra reflexão interessante é imaginar a textura do vermelho. Como seria tocá-lo? Qual sua temperatura? E sua forma?

É impossível relacionar-se com uma cor sem envolver todos os sentidos. Afinal de contas, ela sempre nos remeterá a alguma memória, ideia, sensação, significado, associação.

Assim como as formas, o brilho ou o contraste, a cor não é um atributo absoluto, mas relativo. Ao observarmos o mundo, não vemos partes isoladas, mas uma parte na dependência de outra. O todo se faz de partes, que se contaminam mutuamente. Em *Ascensão* (1959), de Willys de Castro, a relação entre formas, cores e composição é colocada em jogo. De que modo as cores contrastam entre si? Como o cromatismo interfere na forma destes triângulos? ■

Como descrever uma cor? Nossas percepções e interpretações das cores são sempre subjetivas, construídas a partir de fatores fisiológicos, psicológicos e culturais. Uma mesma cor pode ser identificada com diversos nomes e descrita de variadas formas, de modo que os profissionais que lidam com a cor – como designers e arquitetos – desenvolveram sistemas e códigos específicos para identificá-las com maior precisão. Além disso, a cor é objeto de estudo de diversos campos do conhecimento, como a física, a química, a psicologia, a filosofia, o cinema...

Muitas foram as tentativas de se associar uma cor a um determinado humor. No entanto, essas associações são muito ligadas a fatores culturais, sociais e históricos. Por exemplo: no inglês, dizer que alguém está se sentindo azul (*blue*), quer dizer que está triste; no alemão, estar azul (*blau sein*) é estar embriagado; já em português, quando se diz que tudo está azul, quer dizer que tudo está bem.

A publicidade e o marketing frequentemente empregam cores convencionadas, como o azul para meninos e o rosa para meninas, ou utilizam combinações cromáticas consideradas estimulantes na indústria alimentícia. Outras convenções associadas às cores variam ligeiramente em relação a seu contexto. Na maioria dos países ocidentais, o branco do vestido de noiva indica pureza, enquanto no traje do profissional de saúde indica assepsia, e na parede branca de alguns espaços expositivos indica neutralidade.

Você já imaginou um ambiente em que todos os móveis, objetos de uso e de decoração são da mesma cor? Todos em variados tons de vermelho? É o que acontece na instalação *Desvio para o vermelho*, (1967-1984), de Cildo Meireles, que reconstrói uma sala de estar “de maneira plausível, mas improvável”, usando apenas o vermelho nas mais diferentes tonalidades. A cor recobre das almofadas à televisão, passando por estantes, livros, sofá, ventilador, máquina de escrever e até mesmo as obras penduradas na parede. →

Cildo Meireles, *Desvio para o vermelho - Impregnação*, 1967-1984. Técnica mista.
300 x 1000 x 500 cm.



O que dizem as cores?

→ O trabalho é formado por dois outros ambientes nos quais o rubro também atua como protagonista. A segunda sala contém uma pequena garrafa tombada no chão com uma imensa mancha vermelha a seu redor. É como se o recipiente tivesse derramado uma quantidade de líquido absolutamente desproporcional a seu tamanho, capaz de impregnar todo o espaço anterior. Já a terceira e última sala, totalmente escura, apresenta uma pia inclinada, com água vermelha saindo pela torneira em um fluxo contínuo. O barulho do líquido escorrendo se une ao som da tevê presente no primeiro ambiente.

“Quero crer que o vermelho é a cor que tem mais significado e que abre para mais direções”, diz Cildo, interessado mais em oferecer ao espectador uma experiência de impacto sensorial e psicológico do que sugerir uma reflexão política. “Porém, admito que haja essa leitura”, reconhece. De fato, as metáforas e simbolismos sugeridos pelo trabalho são amplos. Por um lado, podem remeter à sensação de opressão e agressividade, à violência do sangue ou a uma situação de suspense e de iminência de perigo – que, por sua vez, o ligariam com o cenário de ditadura militar vigente à época de sua concepção, em 1967. Por outro, também podem se aproximar da ideia de energia vital, vibração e pulsação da experiência no mundo. Em todo caso, trata-se de uma “sucessão de falsas lógicas”, como explica o artista, em que a vivência do absurdo possível convoca o corpo a perceber a cor e o espaço com todos os sentidos – e a absorvê-los a partir das mais variadas percepções e reflexões.

No entorno, de que modo a cor interfere na percepção do contexto? E como o contexto também pode interferir na percepção da cor? ■

Quando são vistas, as cores demonstram fatos físicos: uma superfície vermelha, por exemplo, absorve todas as outras cores que compõem a luz incidindo sobre ela, menos o vermelho, que é refletido e devolvido para o mundo.

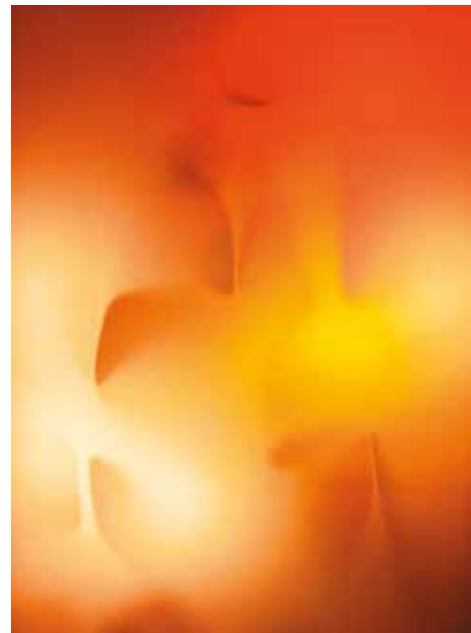
No entanto, será que a cor que você enxerga é a mesma que outras pessoas enxergam?

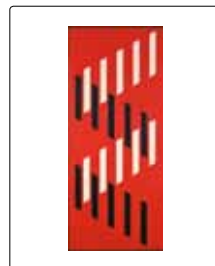
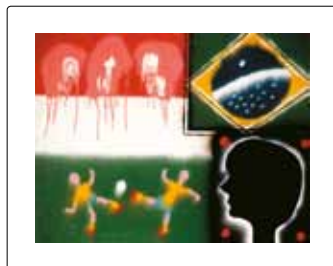
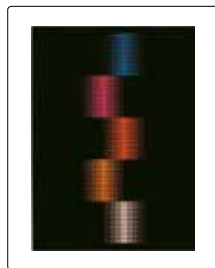
Quantas variações você conhece do vermelho? Algumas mais alaranjadas, outras mais rosadas, outras mais violáceas, outras mais terrosas... E o modo como as enxergamos depende não só da natureza da cor refletida (isto é, de sua composição espectral ou do lugar que ela ocupa no espectro de cores), mas da incidência da luz, dos fotorreceptores de cada indivíduo (células da retina que recebem a luz), do contexto em que a cor está inserida e, claro, do repertório de cores que possuímos e das associações que fazemos ao contemplá-las.

Se observarmos o *Aparelho cinecromático 2 SE-18* (1955/2004), de Abraham Palatnik, veremos um sem número de tonalidades em movimento e em constante transformação, que ora se aproximam do vermelho, ora do laranja, ora do marrom. Por trás da superfície da obra, uma engenhoca produzida com motores elétricos, lâmpadas, lentes e prismas projeta cores e formas, trazendo para a arte pictórica a possibilidade da luz, da mancha e do movimento no tempo e no espaço. Nessa obra, a luminosidade substitui o pigmento.

Entre a pintura e o objeto, o móvel e o cinema, essa espécie de “máquina de pintar com a luz” parte do princípio do caleidoscópio para criar arranjos fugidios, que parecem escapar a nosso olhar a cada vez que identificamos uma nova forma ou cor, em uma sucessão calculada de composições e colorações. ■

Abraham Palatnik, *Aparelho cinecromático*
2 SE-18, 1955/2004. Madeira, metal, tecido
sintético, lâmpadas, motor. 80 × 60 × 19 cm.





MAPEANDO AS CORES Escolham uma cor específica (vermelho, amarelo, azul, verde etc.). Onde encontraríamos essa cor na sala de aula? E na escola? Com um barbante, amarram os objetos de mesma cor uns aos outros. Os objetos conectados e suas cores nos contam sobre eles, sobre escolhas, culturas e tendências, entre outras coisas. Converse com seus colegas e crie um catálogo de cores e seus usos.

DESVIOS Em 1967, o artista Cildo Meireles realizou a primeira versão da obra *Desvio para o vermelho*, explorando os fenômenos sensoriais e psicológicos de um ambiente doméstico constituído de uma diversidade de objetos vermelhos. Você saberia dizer que cor predomina em sua casa? Escolham coletivamente uma cor. Tentem localizar um objeto ou alimento da cor escolhida em casa ou na escola, e pensem em sua história. Todos os objetos serão reunidos e expostos na classe. Coletivamente, decidam um critério de organização da exposição: por cores, por uso dos objetos ou por tipos. As histórias de cada objeto podem gerar um texto coletivo.

AS CORES DO MUNDO Faça um chapéu de papel, aquele que se parece com o de soldado. Separe uma tira de material transparente colorido (papel celofane, sacola plástica ou embalagem) e cole-o na aba frontal do chapéu, que ficará na altura dos olhos, formando uma viseira. Faça um passeio pelo ambiente e observe o mundo a seu redor. Como é a experiência de ver o mundo em outra cor? Registre em um texto e compartilhe com seu grupo. Será que todo mundo leva a mesma sensação?

MONOCROMOS Pintura monocromática é aquela composta por uma única cor. Podem ser *abstratas* (explorando um campo de cor) ou *figurativas* (em geral, construídas por meio de diferenças tonais). Você já realizou uma obra monocromática? Para isso, podem ser usados diferentes materiais: tinta, lápis de cor, giz de cera, colagem, sucato etc. Escolha uma cor e crie uma imagem usando apenas ela. Quando todos terminarem, poderão propor uma exposição, organizando os trabalhos desenvolvidos, aproximando-os por semelhanças ou diferenças.

quantos
vermelhos
existem no
mundo?